doi:10.20396/revpibic2620181114

XXVI Congresso de Iniciação Científica Unicamp
17 a 19 de outubro Campinas | Brasil

Ciência e Ditadura no Papel Feminino de Betty Meggers

Patricia Cristina Bertozzo, Pedro Paulo Abreu Funari

Resumo

O trabalho insere-se no campo de pesquisa de Arqueologia da Repressão e da Resistência e busca compreender as relações entre a ciência, mais especificamente a arqueologia e o momento político pelo qual o Brasil passava, a ditadura militar. Outro ponto da pesquisa é a cientista estaduniodense Betty Meggers, que participou de diversos trabalhos arqueológicos no país durante o período, e seu papel como mulher, pesquisadora e estrangeira em um Brasil dominado politicamente por homens.

Palavras-chave: *Arqueologia, Ditadura, Mulheres na ciência*

Introdução

A Arqueologia da Repressão e da Resistência é um campo que começou a ser explorado recentemente no Brasil. Possui duas vertentes principais, a primeira ligada a história da ciência, que busca compreender o modo como a repressão e suas redes de poder ou a resistência atuaram/modificaram modo de produzir ciência. Toda cultura material produzida em contexto repressivo ou resistente também é uma vertente de pesquisa desse estudo.

Nesse contexto, essa pesquisa procura entender a produção científica da Arqueologia durante a ditadura militar, se existiram mudanças e como essas podem se alinhar e/ou favorecer o discurso e as atitudes dos ditadores. Betty Meggers é outro ponto de interesse desta pesquisa, como uma arqueóloga que esteve no Brasil durante esse período, ela participou do modo de fazer ciência no momento, entretanto a questão de gênero também chama a atenção, visto que essa mulher recebeu um enorme destaque, dentro de um regime masculino e autoritário.

Resultados e Discussão

No período que antecede a ditadura militar a Arqueologia humanista estava sendo praticada no país, o que significa a inclusão de todos os grupos e pessoas nas pesquisas, acreditado na importância de todas as culturas. O humanismo e também a liberdade sofrerem um pesado revés no ano de 1964, era a ditadura que duraria 21 longos anos. Pode-se imaginar que discursos de igualdade, inclusão e liberdade não agradariam o regime, dessa forma a disciplina arqueológica foi resignificada pelo governo.

A nova Arqueologia brasileira foi entregue a estrangeiros, quando em 1965 o governo firmou uma parceria com o Smithsonian Institution criando o PRONAPA – Projeto Nacional de Pesquisa Arqueológica – que duraria cinco anos sob a coordenação dos arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans. O PRONAPA foi responsável por formar a primeira geração de arqueólogos profissionais brasileiros, entretanto, estes foram treinados com total hegemonia teórica decretada pelo positivismo, empirismo e determinismo ecológico.

Meggers foi protagonista das pesquisas realizadas pelo PRONAPA, sua importância na Arqueologia brasileira foi tão grande que veio a ficar conhecida como “mãe da Amazônia”. Em seus estudos fica clara a abordagem de foco ecológico, onde o meio ambiente influência de forma direta no desenvolvimento e cultura de um povo. Essa teoria foi aplicada a Amazônia, onde ela concluiu que o ambiente impiedoso da floresta degenerou os povos ali presentes, povos que teriam migrado de zonas nucleares com alto potencial agrícola.

A ditadura militar brasileira foi extremamente opressiva e controlada por homens, mesmo assim Betty Meggers obteve um destaque ímpar como protagonista do PRONAPA e com pesquisas que reverberam até os dias atuais. Meggers beneficiou-se do fato de ser uma pesquisadora estrangeira e estar em companhia constante de seu marido. Entretanto, tais questões não podem retirar jamais a importância dessa mulher e seu pioneirismo no campo científico, que veio a abrir espaço para todas as mulheres cientistas da atualidade.

Conclusões

O PRONAPA possuía total controle sobre as escavações, destino de verbas e pesquisas o que impediu qualquer outro modo de fazer Arqueologia, tornando-a unilateral, visando beneficiar o governo ditatorial. A teoria de degeneração dos povos, aliada ao fim e perseguição das práticas humanistas serviria a ditadura militar como uma justificativa científica para o genocídio da população indígena, segundo a Comissão Nacional da Verdade ao menos 8,3 mil índios foram mortos no período de 1964 e 1985, tribos inteiras foram exterminadas em nome do progresso.

A escassez de documentação e a dificuldade em acessá-los torna impossível definir o posicionamento pessoal da pesquisadora Betty Meggers quanto a ditadura militar, entretanto, é inegável que o autoritarismo do momento e a perseguição a outras vertentes de pesquisa a beneficiaram e ajudaram a hegemonizar a prática arqueológica no programa de acordo com suas convicções. Meggers obteve muitos êxitos em sua carreira, desafiando os limites impostos as mulheres, porém, se faz necessária uma reflexão sobre como a arqueóloga conquistou seu espaço e como seus discursos foram muitas vezes utilizados para propósitos duvidosos.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço ao CNPq pelo financiamento a essa pesquisa. Pelas sábias palavras, oportunidades e confiança agradeço meu professor e orientador Pedro Paulo Funari e agradeço também meus pais, por tudo.

(cc) BY-NC-ND